

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Medicina
Curso de Psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso



O luto não reconhecido pela morte do animal de estimação:

Um estudo com tutoras de animais na cidade de Canguçu-RS

Dioni Mateus Kammer Lapa

Pelotas, 2019

Dioni Mateus Kammer Lapa

O luto não reconhecido pela morte do animal de estimação:
Um estudo com tutoras de animais na cidade de Canguçu-RS

Trabalho acadêmico apresentado à
Faculdade de Medicina ao Curso de
Psicologia da Universidade Federal de
Pelotas, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Maria Teresa Duarte Nogueira

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L299I Lapa, Doni Mateus Kammer

O luto não reconhecido pela morte do animal de estimação : um estudo com tutoras de animais na cidade de Canguçu-RS / Doni Mateus Kammer Lapa ; Maria Teresa Duarte Nogueira, orientadora. — Pelotas, 2019.

26 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Psicologia. 2. Luto. 3. Sofrimento. 4. Animal de estimação. I. Nogueira, Maria Teresa Duarte, orient. II. Título.

CDD : 150

Dioni Mateus Kammer Lapa

O luto não reconhecido pela morte do animal de estimação: um estudo com tutores de animais na cidade de Canguçu-RS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 12/07/2019

Banca examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Duarte Nogueira (Orientadora)
Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Veterinária pela Universidade Federal de Pelotas.

Dr^a. Marta Solange Streicher Janelli da Silva
Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Pelotas
Doutora em departamento de política e sociedade.
Università degli Studi di Torino PRINCIPALE, UNITO, Itália.

Dr^a. Sabrina de Oliveira Capella
Médica veterinária
Doutora em Ciências pela Universidade Federal de Pelotas
Sanidade animal com ênfase em clínica de pequenos animais.

Luci Maria dos Santos Feijó
Psicóloga especialista em Intervenção e Situações de Luto na Instituição de ensino CEFI – Centro de Estudos da Família e do Indivíduo.
Especialista em Psicologia Jurídica pela Universidade Luterana do Brasil.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço ao meu esposo Carlos Henrique Vieira Lapa, amigo e companheiro de todas as horas, pelo incansável apoio e dedicação. Por ser o meu grande incentivador e amparo presente em todos os dias. Sua determinação e suporte oferecido na minha caminhada permitiu que eu chegasse até aqui, para que hoje eu pudesse viver essa conquista construída em cima de muita gratidão.

Aos meus professores que nessa caminhada foram responsáveis pelo conhecimento, crescimento e aprendizado, não medindo esforços para minha formação. Vocês foram uma base fundamental para que hoje eu pudesse chegar nesse momento da formação acadêmica.

A minha orientadora, Maria Teresa Duarte Nogueira, por prontamente me acolher como seu orientando, por acolher a minha proposta de tema para o Trabalho de Conclusão de Curso, e ter sido para mim uma orientadora que acreditou, incentivou e ajudou em muito para a construção desse trabalho. Por toda a tua dedicação, paciência e orientação nessa caminhada. Tua ajuda nesse trabalho permitiu que eu o realizasse e mantivesse esse tema tão importante para mim.

Aos meus amigos que tornaram esse período melhor. Por acreditarem, incentivarem e apoiarem. Por permanecerem comigo em toda essa caminhada, mesmo quando precisei estar longe para concluir esse processo.

A todos os colegas que encontrei nesse período, as trocas de experiências, apoio e ajuda compartilhada. Aos estudos e momentos de descontração. A caminhada com vocês sem dúvida alguma foi de grande significado para mim.

A minha banca do projeto de qualificação de pesquisa, Régis de Azevedo Garcia e Luci Maria dos Santos Feijó, pelas contribuições feitas no qual permitiram uma melhor construção desse estudo. A minha banca de qualificação de Trabalho de Conclusão de Curso, Luci Maria dos Santos Feijó, Marta Solange Streicher Janelli da Silva e Sabrina de Oliveira Capella por fazerem parte desse momento tão significativo da minha formação acadêmica.

E por fim, não menos importante, a espiritualidade, pelas certezas geradas, pela fé, motivação e pela forma de acolhimento e amor em todos esses momentos.

“Qual é a coisa mais assombrosa do mundo, Yudhisthira? E Yudhisthira respondeu, ‘A coisa mais assombrosa do mundo é que, ao redor de nós, as pessoas podem estar morrendo e não percebemos que isso pode acontecer conosco’.”

(Mahabharata)

“Quando um animal de estimação morre, parte de nós precisa se reorganizar para conviver com a sua ausência”

(Silvana Aquino)

Resumo

O objetivo dessa pesquisa foi o de investigar a existência de impactos psicológicos resultantes do não reconhecimento do luto pela perda de um animal de estimação. Trata-se de um estudo de caso com uma abordagem qualitativa, realizada com 5 tutoras de animais na cidade de Canguçu. Os resultados obtidos evidenciam que em relação ao reconhecimento social, ficou evidente a falta de empatia por parte da sociedade, não legitimando esse pesar. Nota-se alguns impactos significativos pelo não reconhecimento do luto, como: isolamento, receio, tristeza, culpa, dor por esconder seu sofrimento e sentimento de incompreensão.

Palavras chave: luto, animal de estimação, sofrimento

Abstract

The purpose of this research is to investigate the existence of psychological impact resulting from the non-acceptance of the mourning for the loss of a family pet. It is a study carried out in a case of a qualitative approach, performed with 5 animal owners from the city of Canguçu. The results showed that in relation to social acceptance, it was evident the lack of empathy by the society, this mourning not being recognized. Some impacts caused by the lack of mourning are evident, such as, isolation, fear, sadness and feeling guilty for hiding the suffering and the feeling of not being understood.

Keywords : mourning, family pet, suffering.

Sumário

1. Introdução	07
2. Revisão bibliográfica	08
3. Método	11
4. Resultados	12
4.1. Relação com o animal.....	12
4.2. Lidando com a perda.....	13
4.3. A vivência do luto.....	14
4.4. Reconhecimento social do luto.....	15
5. Discussão	17
6. Considerações Finais	19
Referências	20
Anexos	23
Anexo A.....	24
Anexo B.....	25

Introdução

Este estudo pretendeu abordar a temática do luto não reconhecido pela morte de animais de estimação. Ao perder um animal de estimação no qual o tutor tenha um vínculo instituído, poderá passar por um processo de luto, seja pela perda do animal ou por tudo o que o mesmo representa. Com a morte, se desfaz não apenas a presença física do mesmo, mas também, rompe a convivência, muda a rotina e acontece o rompimento desses vínculos significativos para o tutor.

A presença de um vínculo e o rompimento dele, é um forte fator para se estabelecer um processo de luto. Diante do luto, é inevitável o sofrimento, a dor e a saudade pela perda do objeto. Essas manifestações são naturais e esperadas, no qual, o enlutado irá vivenciando esse processo. Encontrar no âmbito social reconhecimento e espaço para viver o pesar, se sentindo acolhido e conseguindo espaço para compartilhar os sentimentos em relação a perda, permite uma melhor vivência do luto. A sociedade através da sua cultura, normas e regras, estabelece como e por quem é aceitável lamentar a perda. Diante disso, muitos tutores de animais de estimação não encontram reconhecimento do seu luto, encontrando dificuldade de expressar seus sentimentos e sentindo até mesmo vergonha de viver o luto pela perda dos seus animais. Então, vive-se um processo de luto não reconhecido, onde é ausente o acolhimento e a empatia no seu contexto social.

O luto que não é permitido e reconhecido pelas barreiras sociais impostas, como o não reconhecimento total de sua dor, por ser um animal de estimação, a dificuldade ou vergonha de realizar um ritual de despedida, facilita para que esse momento não tenha expressão por parte do enlutado. Se manter em silêncio pode ser a decisão tomada quando não há reconhecimento pleno da dor, e com isso, o sofrer calado pode ser um período de grande dificuldade, tanto em seu cotidiano como na elaboração do luto.

Com base nisso, o problema central levantado por esta pesquisa foi “Como o luto não reconhecido pela morte de um animal de estimação pode gerar impactos psicológicos no tutor que vivencia a perda? ”. Considerando que as relações com os animais de estimação nos levam a formação de laços afetivos e estabelecem um vínculo, e o rompimento do mesmo pode desencadear um processo de luto, bem como o não reconhecimento desse pesar pode gerar um luto complicado e doenças psicossomáticas, a pesquisa foi importante para investigar o processo de luto não

reconhecido, compreendendo a forma pelo qual o enlutado viveu esse processo, como e em quem encontrou reconhecimento do seu pesar, quais as consequências segundo a sua percepção e a existência de impactos psicológicos resultantes do não reconhecimento do luto.

Revisão Bibliográfica

Nas civilizações mais antigas já existia a ligação do homem com os animais, conforme identificados por registros históricos no qual demonstram essas relações de afeto. Os animais sempre foram importantes para a humanidade, sendo representados como seres poderosos, divindade e deuses (DOTTI, 2005). No decorrer da história, os animais tiveram variadas atribuições, dispostos como fontes de alimentos, temidos e amados, até ocuparem um lugar de proteção dentro dos lares (CAETANO, 2010). O vínculo entre humanos e animais passa a ter o reconhecimento nos dias atuais (GRANT; OLSEN, 1999).

Hoje, os animais passaram a ocupar outro lugar na rotina das pessoas, saindo de locais destinados nas fazendas para os pátios das casas, e em seguida ocupam lugar dentro das casas das pessoas (DOTTI, 2005). A domesticação gerou uma mudança na relação com o animal, permitindo que o mesmo ocupasse um novo papel, no qual, entra para o grupo familiar (DELARISSA, 2003). Com o ganho de expressividade na atualidade, essa relação entre humano e animais passou a ser influenciada pela cultura, no qual, o resultado foi uma maior vinculação e os mesmos passam a serem membros da família (FRANCO; OLIVEIRA, 2015).

O animal possui uma capacidade de interação social e precisam de cuidados continuados, tornando-se motivo de apego (GARCIA, 2009). Constituir o vínculo com um animal pode ser comparado a uma relação entre as pessoas, passando pela vontade de conquistar e ser conquistado, período para se conhecerem, tempo destinado a atenção, carinho, cuidados, enfim, é constituído um vínculo, no qual os laços e afetos estabelecidos nessa relação, são fortemente estudados (DOTTI, 2005). Trata-se de duas espécies diferentes em convívio, humano e animal, possuindo diferenças cognitivas e sensoriais, porém, cada integrante participando do seu modo, promovendo essa relação (ADES; SAVALLI, 2016). Através da emoção e afeto essa ligação se dá por meio de laços sociais, sendo que juntamente com uma boa relação com os animais de estimação, existirá uma grande vontade que eles vivam por tempo maior que suas condições naturais (DOTTI, 2005). A morte do animal no qual a pessoa

tinha um vínculo, pode gerar um processo de luto, pois, com o rompimento do vínculo um processo de luto pode ser desencadeado (BROMBERG, 1996). Junto com a perda do animal, se perderá a convivência e o amor do mesmo (FRANCO; OLIVEIRA, 2015).

O luto pode ser entendido como uma reação ao rompimento do vínculo afetivo, através da perda por separação ou afastamento, o indivíduo fica afastado do objeto que lhe dá significado (BOMLBY, 2006). É definido como um conjunto de reações emocionais, físicas, comportamentais e sociais, surgindo como uma resposta a uma perda importante (PARKES, 1998). É uma resposta natural a ausência de alguém ou algo significativo (STRAUCH, 2017). É um processo fluido e não um estado (Worden, 2013).

O lidar com a morte é diferente em cada cultura, com suas crenças, expectativas e entendimentos (ROSENBLATT, 1997). A forma de viver o luto é diferente de uma pessoa para outra, pois implica a subjetividade do sujeito, porém, mesmo nas diversas formas, esse momento é marcado como um período intenso e doloroso (CORRÊA, 2012). Uma série de sentimentos, sensações físicas, cognitivas e comportamentos fazem parte do processo de luto: sentimentos como tristeza, raiva, culpa, ansiedade, solidão, fadiga, desamparo, choque, saudade, libertação, alívio, torpor; aspectos cognitivos como a descrença, confusão, preocupação, sensação de presença e alucinações; comportamentos como distúrbio do sono, distúrbio de apetite, ausência de pensamento, isolamento social, sonhos com o morto, evitação de lembranças, procurar e chamar, suspiro, agitação e choro (WORDEN, 2013). Ainda para o autor, alguns fatores são determinantes no processo do luto, nos quais, podem determinar as diferentes maneiras de vivenciar esse processo, sendo eles: quem era a pessoa que morreu, natureza do vínculo, como a pessoa morreu, antecedentes históricos, variáveis de personalidade, variáveis sociais e estressores concorrentes. “A dor do luto é tanto parte da vida quanto a alegria de viver; é, talvez, o preço que pagamos pelo amor, o preço do compromisso” (PARKES, 1998, p.22).

Ao morrer o animal de estimação, surge um vazio com o rompimento desse vínculo, aflorando a dor pela perda e o sofrimento, no qual, frequentemente o tutor do animal não encontra um espaço para expressar seus sentimentos e viver esse luto (FRANCO; OLIVEIRA, 2015). Ainda para as autoras, quando o enlutado não encontra um espaço para expressar e viver o pesar, sem ser acolhido em sua dor, guardará esse sentimento para si, podendo desenvolver doenças psicossomáticas bem como passar por um processo de luto complicado. Ficar triste, chorar e sentir saudade, são

expressões naturais no processo de luto, e, portanto, é esperado que isso ocorra. Porém, quando a pessoa não consegue se reorganizar nesse processo, apresentando essa desorganização por um tempo prolongado, não sendo capaz de voltar a realizar as suas atividades com a eficiência que realizava antes da perda, poderá estar passando por um processo de luto complicado (FRANCO, 2010). No luto complicado, alguns aspectos podem ser observados, o enlutado expressa sentimentos intensos após muito tempo a perda, poderá apresentar mudanças consideráveis no seu estilo de vida com uma propensão ao isolamento, episódios depressivos, constante somatizações e inclinação a autodestruição (WORDEN, 2013). A morte do animal pode gerar na pessoa sofrimento de tal intensidade a perda de uma pessoa, dependendo do papel que o animal desempenha no cotidiano do indivíduo (VECCHIO, 2018).

Vivenciar o processo de perda sem ter um espaço para expressar a tristeza e a dor, pode gerar consequências para o enlutado, entre elas, uma maior possibilidade de adoecimento (KOVÁCS, 2003). O termo “luto não autorizado” foi estabelecido por Doka (1989), também chamado de luto não reconhecido, “é aquele no qual o enlutado tem vedada a oportunidade de vivenciar seu luto. Isso se dá por uma restrição da sociedade ao seu tipo de luto, como em relações não validadas ou aceitas” (ONE LIFE ALIVE, 2017). Essa perda não é ou não pode ser reconhecida frente as normas e imposições da sociedade, não tendo espaço para ser lamentada publicamente e não tendo apoio no âmbito social (DOKA, 1989). É dispor frente ao processo de luto o fracasso da empatia, não sendo capaz de compreender e acolher a vivência do enlutado, tornando esse processo como um pesar não autorizado, proibido e não reconhecido, no qual, com o não reconhecimento de uma perda, o enlutado não terá aceitação e suporte adequado, vivenciará o fracasso do ambiente social, resultando em um processo de luto no qual farão parte o sentimento de alienação e solidão (CASELLATO, 2015). Ainda para a autora esse fenômeno psicossocial possui o desafio de reconhecer o sofrimento do indivíduo diante de uma perda. Quando a perda não é reconhecida socialmente e espera-se de uma forma rígida de como o enlutado deve agir, impondo normas e regras, a elaboração dessa perda será um processo difícil, podendo impedir que o mesmo consiga se reestruturar de uma forma adequada, não conseguindo dar um novo significado ao rompimento dessa relação com o objeto perdido (FRANCO, 2002). O luto não reconhecido tem grande chance de ter

complicações, devido ao fato de não ter oportunidades e nem um espaço social, podendo ocorrer adoecimento físico e psicológico (PRADE, 2015).

Cabe salientar que esse processo não ocorre apenas com a perda do animal de estimação, mas para muitos tutores, ao se deparar com a possibilidade da finitude de seu animal, poderá ter um processo de luto antes mesmo da perda, o que se denomina luto antecipatório. Compreende-se luto antecipatório, o luto que começa antes da perda (WORDEN, 2013). Diante um diagnóstico em que não há uma possibilidade de vida para o animal, o tutor irá vivenciar perdas referentes há como era o animal antes do diagnóstico, como está sendo durante esse diagnóstico até a morte do mesmo, surgindo um sentimento de impotência (FRANCO; OLIVEIRA, 2015).

Legitimar o sofrimento de perder um animal de estimação, permitindo ter um reconhecimento pleno da dor e sofrimento do enlutado no âmbito social, é permitir que haja uma postura de empatia e acolhimento. Portanto, o objetivo dessa pesquisa foi investigar a existência de impactos psicológicos resultantes do não reconhecimento do luto pela perda de um animal de estimação.

Método

Trata-se de um estudo de caso com uma abordagem qualitativa. A pesquisa em pauta foi desenvolvida na cidade de Canguçu na região sul do Rio Grande do Sul. Fizeram parte do estudo 5 pessoas do sexo feminino com idades entre 30 a 60 anos, que tiveram a perda de um animal de estimação nos últimos 12 meses. Essa amostra foi escolhida de forma aleatória, oriunda dos cadastros de duas clínicas veterinárias da cidade de Canguçu. Todas as participantes foram convidadas para participar do estudo, autorizando através do termo de Consentimento Livre Esclarecido. Após a autorização, foi realizado com cada participante uma entrevista semiestruturada, no qual foi gravada mediante autorização do participante.

Os áudios das entrevistas foram transcritos, e os dados obtidos foram analisados e divididos em categorias com base na análise de conteúdo de Bardin (2011). O processo de análise foi estruturado em 5 etapas: preparação das informações, transformação do conteúdo em unidades, classificação das unidades em categorias, descrição e interpretação (MORAES, 1999).

Este estudo foi aprovado por comitê de ética em pesquisa, sob parecer número 3.319.766. Foram assegurados todos os aspectos éticos que norteiam pesquisas envolvendo seres humanos, conforme a resolução N° 466 (Brasil, Conselho Nacional

de Saúde, 2013), garantindo a integridade de todos os participantes. A pesquisa preservou a identidade dos participantes e os conteúdos analisados e dados obtidos foram utilizados seguindo as normas éticas para a utilização dos resultados em trabalhos escritos.

Resultados

Para melhor compreensão e acompanhamento dos resultados obtidos a partir de entrevistas realizadas com as cinco tutoras de animais de estimação, estes serão apresentados em 4 categorias: relação com o animal; lidando com a perda; a vivência do luto; reconhecimento social do luto. Como forma de garantir o sigilo das participantes, estas serão apresentadas como: Tutora 1, Tutora 2, Tutora 3, Tutora 4 e Tutora 5.

Relação com o animal: Por se tratar de um fator importante para a vinculação e afeto com o animal, a relação com o mesmo foi abordada por todas as tutoras, no qual, todas definiram essa relação com seu animal de estimação como uma relação de mãe e filho. *“Eu não tinha ele como um animalzinho, era um bebê para a gente em casa, um filho. Não era só um bichinho, era um bebezinho, a gente chamava como um bebezinho, nosso filho. Ela representou para mim muita coisa... sabe quando tu recebes o amor de um filho? Um carinho? Ela representava tudo para mim, uma filha da gente, era como a gente”* (Tutora 1). *“Eu digo que ele era nosso filho (...) ele era um filho e vai ser eternamente o nosso filho. Ele representa tudo, essa é a palavra, representa muita mais que muitas pessoas vão representar ou representaram, é meu filho (...) eternamente meu filho, e a perda vai ser essa, uma mãe que perdeu um filho”* (Tutora 2). *“Não, eu não queria perder o meu filho de jeito nenhum. Mesmo doente ele ficava na janela até a hora da mãe chegar (...), quer amor mais lindo do que esse? Que falta do meu filho, do meu bebê, uma falta imensa”* (Tutora 3). *“Para mim ele era um filho, se alguém achar que eu estou louca, que é demais, para mim é indiferente (...) era meu filho. Eu sinto um luto como alguém da minha família”* (Tutora 4). *“Eu perdi um cachorro, era mais que um cachorro, era um filho, um companheiro. É como se tivesse perdendo um filho (...) é um sentimento de ter perdido um filho”* (Tutora 5).

A convivência das tutoras com seus animais de estimação, ocupavam uma dimensão de mãe e filho, no qual, os animais tinham papéis importantes na vida dessas tutoras, como filhos, amigos e companheiros.

Lidando com a perda: no que diz respeito ao tempo que ocorreu a perda em relação ao dia da entrevista, duas tutoras relataram que ocorreu há 3 meses, outras duas relataram que ocorreu há 4 meses e uma tutora relatou que a perda ocorreu há 10 meses. Frente a essas perdas, foi possível notar um conjunto de reações, sendo elas de ordem emocionais, físicas ou comportamentais. A tutora 1 relata ter o sentimento de medo de ficar doente decorrente o sofrimento do luto, medo de vir a precisar de ajuda. *“Eu tenho medo de ficar doente, sabe? De precisar de ajuda (...) agora eu tenho medo pois não tenho ela para conversar, desabafar (...) está faltando um pedaço, sabe? Alguma coisa está faltando em mim (...), medo de ficar doente, de precisar e ela não vai estar perto de mim (...), parece que sempre tem algo para acontecer, uma angústia. Parece que não terei mais em quem me apoiar”*. A tutora 2 relata que criou algumas estratégias para lidar com o sentimento da perda. *“Então, eu criei algumas coisas, algumas válvulas de escape, uma das coisas é a ida pra academia, é onde eu ponho meus fones de ouvido, esqueço tudo, é a única coisa que me conforta”*. Ela relata o sofrimento intenso ao lidar com a perda e o quanto isso foi agravando: *“Eu chorei um mês inteiro, todos os dias eu chorava sem alívio (...) eu fui fazendo as outras coisas e foi passando despercebido, e aí quando começou a juntar, que eu fui vendo que eu não estava tão bem quanto eu imaginava né (...) foi quando procurei ajuda psiquiátrica”*. A tutora 3 traz relata o quanto o lidar com a morte do animal de estimação tem sido um sofrimento mais difícil das outras perdas nas quais ela já lidou: *“então é uma coisa assim hó, que eu vou te dizer sinceramente, eu sinto muito mais a morte dele do que a do meu pai e do meu irmão. É uma coisa assim que machuca, machuca, machuca (...) eu não posso sair na rua, porque se eu vejo um cachorro, eu fico assim, eu fico tremendo e me dá uma coisa assim, parece que vai me dar uma coisa, que minha cabeça vai explodir”*. A tutora 4 relata sofre intensamente seu sofrimento: *“Eu sofro muito, agente lá sofre muito sabe? A gente lembra muito dele, a gente chora junto, mas assim, eu sinto aquela dor grande porque eu já associo tudo junto”*. A tutora 5 relata que sabe que precisa aceitar o que aconteceu, mas que para ela, é como se o seu animal de estimação fosse voltar, e que ter essa esperança acaba causando maior sofrimento: *“ Eu fico imaginando que ele vai voltar, as vezes vejo um animalzinho da mesma cor, daí eu paro, por que sabe né, a gente tem esperança né (...) é pior, pois acaba te magoando mais quando volta para a realidade”*.

Todas as tutoras relataram estarem com seu humor deprimido, segundo suas percepções. *“Me sinto deprimida (...), espero que saia esta angústia”* (Tutora 1). *“Tô fazendo tratamento por seis meses, porque eu estava entrando numa crise de pânico, sofro de depressão (...), então isso virou uma bola de neve, tudo depois da morte dele, de lá pra cá que eu comecei a sentir fisicamente e mentalmente”* (Tutora 2). *“E agora eu tô assim bem pra baixo né, realmente eu tô bem pra baixo, deprimida. Eu acho que é depressão, eu acho que tô com uma depressão. Eu superei a morte da minha mãe, do meu pai, em dois meses eu tava legal, e agora com a morte dele eu não consigo. Fiquei uma semana sem tomar banho sabe? (...) não tenho mais vontade, não tomo, sabe? (...) era a coisa que eu mais gostava era de me pintar, tomar um banho, ficar cheirosa, agora nada”* (Tutora 3). *“Eu hoje, eu me acho uma pessoa muito triste né, o cachorro foi o estopim pra despertar angústia, tristeza, aquela coisa toda, eu tomo remédio pra depressão”* (Tutora 4). *“Passei uma semana que eu não queria fazer nada, não atendia o telefone, até hoje quando lembro dele eu imagino ele chegando. Tenho uma mágoa grande com essa perda (...), tem dias que não posso lembrar dele (...) não posso lembrar, me magoa muito, me machuca muito, eu evito lembrar. Nunca voltei 100%, ainda tem momento que recai, ainda dói muito”* (Tutora 5).

A vivência do luto: diante da perda, as tutoras realizaram alguns rituais de despedidas. *“A mãe ta aqui, vai descansar pra sempre, tu tá sofrendo e a mãe não quer que tu sofra – aí eu fui me sentar e olhei ela morrendo. Aí eu só peguei ela, dei um beijo na testa dela, me virei e quando eu vi, ela tava morta (...)a gente enterrou no pátio, na caminha dela, enrolada na mantinha dela (...)até hoje eu coloco três pedacinhos de carne ali ”* (Tutora 1). *“Eu digo que velei ele a noite inteirinha, ele foi velado. Eu passei a noite com ele na garagem, literalmente eu velei ele. Aí no outro dia a gente resolveu fazer tudo conforme faria com qualquer outra pessoa, só não enterrei no cemitério porque não tinha. Então a gente procurou no sítio do meu sogro o lugar mais bonito e fizemos o enterro dele, fizemos uma plaquinha (...) tudo o que ele brincava a gente colocou junto dele, assim ele se sente acolhido”* (Tutora 2). *“Ele veio com nós de taxi, foi até os taxistas amigos nossos que fizeram a covinha para enterrar ele (...) fizeram a covinha dele assim, tudo direitinho (...) fizeram a covinha e a gente enterrou ele, com um ursinho. Disse: agora para a gente se sentir, só espiritualmente. Se eu fiz algo errado me perdoa tá. Me perdoa”* (Tutora 3). *“Ele estava no fundo da piscina (...), subi, peguei uma toalha, peguei o secador, sequei ele bem sequinho né. Meu marido pegou umas tábuas fez um caixãozinho. E eu sofro muito,*

enterrei o cachorro nos fundos da minha casa. Ele não era só um animal. Nós colocamos ele, não foi bem um caixão, mas para não deixar ele direto na terra, aí eu peguei as coisinhas dele e coloquei junto, isto aí foi muito forte” (Tutora 4). “Aí a gente enterrou ele lá pertinho de casa, num mato, que eu não posso nem passar lá perto. Eu enrolei ele num pano, num pano que ele tinha, que era a caminha dele (...) pra mim ele tava dormindo, mas não tava. Meu marido e meu sobrinho abriram, cavaram sabe, pra deixar ele lá, daí começou a chover muito no outro dia e me doía muito ver que tava chovendo e eu tinha deixado ele lá, que tinha abandonado ele” (Tutora 5).

Após a morte do animal de estimação, duas tutoras suspenderam as atividades, duas não suspenderam e uma não teve a possibilidade de escolha. *“Sim, abandonei todas minhas atividades” (Tutora 3). “Eu fiquei três dias fora do ar, só queria ficar deitada (...) eu fiquei sem atender telefone, não respondia WhatsApp (...) quinze dias fiquei assim, não tendo graça pra nada” (Tutora 5). “Não, é porque eu acho que a vida segue, sabe? A vida segue e a gente tem que ir, seguir, porque não adianta parar, porque não vai resolver nada, né” (Tutora 1). “Não, eu segui normal. Eu tinha um aniversário, eu fui (...) no outro dia trabalhei normal né (...) aquela coisa apertada, aquela angústia, aquela coisa que eu até nem sei explicar” (Tutora 4). “Foi horrível, desde o momento que eu enterrei ele lá, virei as costas e disse – preciso trabalhar-aquele dia para mim eu tava com o corpo presente fazendo uma obrigação minha, mas minha mente estava em qualquer outro lugar que não fosse ali” (Tutora 2).*

Reconhecimento social do luto: em relação aos espaços de fala e quem foi as pessoas nas quais acolheram as enlutadas nesse período, notamos as seguintes questões na fala das tutoras: *“eu tive um espaço por que tenho bastantes vizinhos ali, a gente conversa entre vizinhos” (Tutora 1). “Eu me lembro que muitas amigas minhas que também tem os pets eram as únicas que me escutavam (...) meu marido né, que é meu alicerce (...) meus pais porque ele era neto né, os meus sogros também” (Tutora 2). “Agora eu to falando contigo, foi com alguns amigos, mas vizinho meu nenhum ali, nenhum, nenhum” (Tutora 3). “Nós tivemos um apoio assim, familiar, da família. Eu ajudava meu marido e meu marido me ajudava, nós ajudávamos o meu filho né, para os outros tu chegava, tu falava e, ah era só um cachorro, mas era só um cachorro para os outros, para mim não era” (Tutora 4). “Na minha casa, na minha família, meus amigos, eles entenderam (...) os de fora não entendem muito” (Tutora 5).*

No que diz respeito ao reconhecimento do luto pela sociedade, além das pessoas que fazem parte da família e amigos íntimos, as tutoras relatam que a

sociedade de forma geral não demonstra empatia para o luto pela morte do animal de estimação, não legitimando esse pesar. *“Eles não aceitam, eles acham que animal é animal. É muita pouca gente que aceita, é a minoria, porque a maioria, não, não vê isso como um luto, não aceita sabe?”* (Tutora 1). *“40% da sociedade aceita, entendi, 60 % da população não, não aceita, não entendi (...) me falaram - não pode ser, não existe isso, se fosse um pai, mas é um cachorro – não gente, é meu filho, me deixa eu com meu sofrimento”* (Tutora 2). *“E as vezes quando falo as pessoas chegam e me dizem – ah, mas era só um cachorro – e tu sabe que não é só um cachorro. É como eu te disse né, tem uns que aceitam, outros não aceitam, a maioria não aceita”* (Tutora 3). *“Tu chegava para os outros e falava e daí diziam - era só um cachorro – para mim ele era muito especial. Eu acho que a sociedade impede, eu acho que impede, acho que tinha que debater mais isso, tinha que ter grupos de pessoas né, faz falta um grupo para poder falar tuas angústias, para tentar ajudar, sobre luto de animal acho que não tem né?”* (Tutora 4). *“Os de fora não entendem muito. As pessoas levam no ar de deboche de coisa assim, que é frescura, que é coisa assim”* (Tutora 5).

As tutoras relataram que a sociedade não se mostra empática frente ao luto pela morte do animal de estimação, pelo menos não o suficiente para legitimar o sofrimento como real, intenso e desafiador. Frente a isso, o apoio veio de pessoas íntimas, do cotidiano. O fato de vivenciarem o luto pela morte de animal de estimação de uma maneira não legitimada socialmente, acabou potencializando alguns sentimentos. *“Um pouco sim, mas tive a sorte da maioria das pessoas do meu convívio compartilharem do mesmo carinho pelos animais, o que acho que foi agravado um pouco o luto, foi o receio de falar abertamente, com as pessoas que não tem esse mesmo sentimento, com medo que alguma não entendesse a perda”* (Tutora 1). *“Gerou tristeza e isolamento, meses depois foi que descobri a depressão, ansiedade, foi como uma bola de neve (...) eu me isolei muito, como as pessoas não entende né esse sofrimento também não entendem porque você está assim. Tu começa a te culpar por sofrer por uma coisa que a sociedade não deixa tu sofrer”* (Tutora 2). *“Aí eu comecei a falar, os meus olhos se encheram de lágrimas, aí uma vizinha minha disse: pelo amor de deus né, tu não vai inventar de chorar por causa que o cachorro morreu né? Tem pessoas que tu não pode nem abrir a boca, porque eu acho que se eles pudessem te dar um tiro na cabeça, porque tu chorar por um cachorro (...). Aí simplesmente me isolei né, nem vontade de sair na rua (...) o que dói é tu procurar*

ajuda psicológica e alguns profissionais acharem que é frescura tua” (Tutora 3). “Eu acho que intensifica sabe, por que eu vivi aquilo ali, eu me fechei naquilo, naquela dor. As pessoas não se sensibilizam, agem como se não tivesse acontecido nada, a gente então se isola né” (Tutora 4). “A sociedade não aceita sabe, acha que é bobagem, e as pessoas não entendem. Isso aumenta porque tu tem a dor de perder sabe, e também a dor de ter que esconder o teu sentimento” (Tutora 5).

Discussão

O presente estudo analisou o processo de luto pela morte do animal de estimação, bem como os agravantes pelo não reconhecimento do mesmo. Os resultados obtidos evidenciaram a existência de intenso sofrimento diante a perda pelo animal de estimação bem como a falta de empatia no âmbito social, resultando no não reconhecimento do luto.

No que diz respeito a relação com o animal, as cinco tutoras tinham uma relação com seu animal de estimação como uma relação mãe e filho. Na sociedade atual houve o aumento nessa interação, as mudanças geradas através da cultura e por questões referentes as novas estruturas familiares, resultaram em um fortalecimento do vínculo entre as pessoas e animais, permitindo que os animais de estimação ocupassem um novo papel, como membros da família (FRANCO; OLIVEIRA, 2015).

Frente a perda do animal de estimação, as tutoras demonstraram reações comuns entre elas e também reações distintas. Todas demonstraram sofrimento intenso e chorosas. Reações distintas como medo de ficar doente, vazio, angústia tremor, dificuldade, esperança da volta do animal e estratégias de enfrentamento compreendem a maneira pela qual as tutoras lidam com a perda. Uma gama de comportamentos envolve o processo de luto e a maneira de lidar com a perda, sentimentos, sensações físicas, questões cognitivas e comportamentais, entre elas, tristeza, raiva, culpa, ansiedade, solidão, desamparo, saudade, confusão, preocupação, sensação de presença, alucinações e choro (WORDEN, 2013). Entorpecimento, ansiedade de separação, culpa, raiva e depressão foram reações diante a perda da morte do animal de estimação, conforme um estudo sobre o luto por animal e o reconhecimento da perda (OLIVEIRA, 2013). Compreende-se que essas reações são normais e esperadas que sejam presente no lidar com a perda.

Ao falarem sobre humor deprimido, todas relataram estarem, de alguma forma, com seu humor deprimido, no qual no caso do estudo, não foi analisado se este trata-

se de uma depressão, visto que, reações de tristeza, choro e humor deprimido são parte desse processo. Entre os comportamentos que compreendem o processo do luto, vários deles são semelhantes ao da depressão (WORDEN, 2013).

Em relação a vivência do luto, este foi vivenciado em primeiro momento por rituais de despedidas. Todas as tutoras enterraram seus animais de estimação juntamente com alguns itens desse animal, brinquedo, coberta, cama. “Os rituais são fundamentais para dar sentido e significado a situações de crise, e a morte se enquadra aí” (KOVACS; VAICIUNAS e ALVES, 2014, p.943). Os rituais podem ter uma função de ajuda frente a perda, proporcionando que os sentimentos sejam expressados (ALVES, 2012).

A respeito da suspensão de atividades, foi possível notar que essa decisão estava atravessada por diversos fatores determinantes. Uma das tutoras afirmou que esta possibilidade não foi permitida. Outras duas tutoras suspenderam suas atividades, embora reconheçam que suas atividades profissionais facilitaram essa decisão. Outras duas decidiram não suspender suas atividades, entendendo que manter a rotina seria uma maneira mais fácil de vivenciar esse momento. As reações frente ao luto são multideterminadas, composto por questões de ordem fisiológica, emocional, cultural e espiritual (FRANCO, 2010). É importante salientar, que além da subjetividade do indivíduo frente ao luto, bem como suas distintas reações como forma de enfrentamento, o não reconhecimento do luto por parte da sociedade pode implicar de forma direta a vivência do mesmo. Entre esses fatores, questões trabalhistas, culturais e religiosas podem de certa forma determinar a tomada de decisão em manter ou suspender as atividades como: trabalho, estudos e fazeres diários.

Ao abordar sobre o reconhecimento social do luto pela morte do animal de estimação, ficou evidente a falta de empatia por parte da sociedade, não legitimando esse pesar. O espaço desse reconhecimento ficou limitado ao núcleo de pessoas mais próximas, pessoas íntimas, sendo elas familiares e amigos. Como o luto é um acontecimento social, pode desencadear uma grande vontade de compartilhar esse luto com outras pessoas, porém, a percepção do enlutado sobre o apoio social disponível e a satisfação com o mesmo é o fator mais significativo (WORDEN, 2013).

Quando abordado com as tutoras como elas achavam que a sociedade vê o luto pela morte do animal de estimação, todas afirmaram que não tiveram esse reconhecimento por parte da sociedade, pelo contrário, sentiram-se reprimidas em seu sofrimento. No luto não reconhecido, “observamos que, numa primeira instância,

o que fracassa é a empatia, ou seja, a capacidade de compreender o significado e validar a experiência de outra pessoa” (CASELLATO, 2015, p.19). Um dos fatores sociais “que complica uma reação ao luto dá-se quando a perda é socialmente negada; em outras palavras, quando a pessoa e os que estão ao seu redor agem como se a perda não tivesse acontecido” (WORDEN, 2013, p.93).

Quando há a não legitimação do luto, o enlutado se vê frente a essas barreiras sociais, dificultando seu processo e tornando esse sofrimento impedido de ser expressado. As tutoras apresentaram alguns impactos significativos pelo não reconhecimento do luto. Entre esses impactos, o isolamento foi o mais notável nas falas das tutoras. Outros impactos foram: receio de falar, tristeza, sentir dor por ter que esconder o seu sentimento, sentirem-se incompreendidas, frustração na tentativa de ajuda psicológica, culpa por sofrer o que a sociedade não reconhece, bem como, afirmarem que esses sentimentos acabam sendo vividos de formas mais reprimida e escondida. Uma das tutoras relata que após seis meses, desenvolveu depressão, síndrome do pânico “O enlutado, não encontrando acolhimento para sua dor, pode reprimi-la, desenvolver doenças psicossomáticas que expressam o não dito e até mesmo vivenciar um processo de luto complicado” (FRANCO; OLIVEIRA, 2015 p.91).

Considerações Finais

Esse estudo teve como objetivo principal, investigar a existência de impactos psicológicos resultantes do não reconhecimento do luto pela perda de um animal de estimação. Embora na atualidade as relações das pessoas com os animais ganharam um novo significado e os animais passaram a ocupar um papel como integrantes da família, diante da morte do mesmo o processo de luto é vivenciado de forma diferente, ainda não sendo legitimado pela sociedade como um luto potencial em sofrimento.

Constatou-se nessa pesquisa, que diante a perda do animal de estimação, as tutoras não tiveram seu luto reconhecido pela sociedade, ficando limitado apenas aos seus amigos próximos e familiares. A vivência desse luto foi marcada por isolamento social, receio e até mesmo culpa por sentir esse pesar. Além de lidar com a dor da perda, foi preciso lidar com a dor de não poder expressar esse sofrimento abertamente. Com o não reconhecimento do luto, estas sentiram-se incompreendidas e tristes.

Diante os resultados analisados e apresentados, evidencia-se a existência de impactos psicológicos na vivência do luto dessas tutoras.

Referências

- ADES, César; SAVALLI, Carine. Benefícios que o convívio com um animal de estimação pode promover para saúde e bem-estar do ser humano. In: CHELINI, M. O. M.; OTTA, E. (Org.). **Terapia assistida por animais**. Barueri, SP: Manole, 2016. p. 23-40.
- ALVES, E. G. R. (2012). Educação Para o Luto. *Carta Fundamental*, Artigo, p. 56 - 57.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOWLBY J. **Formação e rompimento de vínculos afetivos**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes; 2006.
- BRASIL. Ministério da saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/reso466.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2019
- BROMBERG, M. H. P. F. Luto: a morte do outro em si. In: BROMBERG, M. H. P. F. et al. (orgs). **Vida e morte: laços da existência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 99-122.
- CAETANO, E. C. S. (2010). *As contribuições da TAA- Terapia Assistida por Animais à Psicologia* (Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia). Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC, Criciúma.
- CASELLATO, G. Luto não reconhecido: o fracasso da empatia nos tempos modernos. In: CASELLATO, G. (Org.). **O resgate da empatia: Suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Summus, 2015. P. 15-27.
- _____. Luto não reconhecido: o fracasso da empatia nos tempos modernos. In: CASELLATO, G. (Org.). **O resgate da empatia: Suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Summus, 2015. p. 19
- CORREA, Diogo Arnaldo. Do luto ao sentido: aportes da logoterapia no espaço psicoterapêutico. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 14, n. 3, p. 180-188, dez. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000300015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 out. 2018.
- DELARISSA, F. A. (2003). Animais de estimação e objetos transicionais: uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho.
- DOKA, K. J. *Disenfranchised grief: recognizing hidden sorrow*. Nova York: Lexington Books, 1989.
- DOTTI, J. **Terapias & animais**. São Paulo: PC Editorial, 2005. P. 22-161.
- FRANCO, M. H. P. “Uma mudança no paradigma sobre o enfoque da morte e do luto na contemporaneidade”. In: Franco, M. H. P. (org.). **Estudos avançados sobre o luto**. São Paulo: Livro Pleno, 2002, p.15-38.

_____. Por que estudar o luto na atualidade? In M. H. P. Franco (Org.), **Formação e rompimento de vínculos** (pp. 17-42). São Paulo, SP: Summus, 2010.

FRANCO, M. H. P.; OLIVEIRA, D. de. Luto por perda de animal. In: CASELLATO, G. (Org.). **O resgate da empatia: Suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Summus, 2015. P. 91-107.

_____. Luto por perda de animal. In: CASELLATO, G. (Org.). **O resgate da empatia: Suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Summus, 2015. p. 91

GARCIA, M. P. (2009). Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães (Dissertação de mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GRANT, S.; OLSEN, C. W. Preventing zoonotic diseases in immunocompromised persons: the role of physicians and veterinarians. *Emerging Infectious Diseases*. Wisconsin/USA, vol.5, n.1, p.159-163, jan-fev, 1999.

KOVÁCS MJ. **Educação para morte: desafio na formação de profissional de saúde e educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.

KOVACS, Maria Julia; VAICIUNAS, Nancy; ALVES, Elaine Gomes Reis.

Profissionais do Serviço Funerário e a Questão da Morte. **Psicol. cienc.**

prof., Brasília , v. 34, n. 4, p. 943, Dec. 2014 . Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000400940&lng=en&nrm=iso>. access

on 02 July 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-370001272013>.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

OLIVEIRA, D. de. O luto pela morte do animal de estimação e o reconhecimento da perda. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontífica Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

ONE LIFE ALIVE. Sobre o luto não reconhecido e o papel de quem cuida do enlutado, 2017. Disponível em: < <http://www.onelifealive.org/sobre-luto-nao-reconhecido-eo-papel-de-quem-cuida-do-enlutado/> >. Acesso em: 25 out. 2018

PRADE, C. F. A arte como forma de expressão de lutos não sancionados. In: CASELLATO, G. (Org.). **O resgate da empatia: Suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Summus, 2015. P. 203-214.

PARKES, C. M. **Luto: Estudos sobre a Perda na Vida Adulta**. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

___ **Luto: Estudos sobre a Perda na Vida Adulta**. São Paulo: Summus Editorial, 1998, p.22.

STRAUCH, Vanessa Ramalho Ferreira. Resignificação da morte na abordagem psicodramática: perdas e ganhos no luto. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 59-67, jun. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932017000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 out. 2018.

Rosenblatt, P. C. Grief in small-scale societies. In: PARKES, C. M.; LAUNGANI, P.; YOUNG, B. (ed). *Death and bereavement in across cultures*. London: Routledge, 1997, p. 27-51

VECCHIO, Ken Dolan-Del. "The Mourning After." *USA Today*, July 2018, p. 32+. **Academic OneFile**, <http://link-galegroup.ez66.periodicos.capes.gov.br/apps/doc/A547987356/AONE?u=capex&sid=AONE&xid=afe949c8>. Accessed 3 Nov. 2018.

WORDEN, J. W. (2013). **Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais de saúde mental**(4a ed.) Sao Paulo, SP: Roca.

___ **Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais de saúde mental**(4a ed.) Sao Paulo, SP: Roca. p.93

ANEXO

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome: _____ D.N.: ___/___/___

Endereço: _____ n° _____

Bairro: _____ Cidade: _____ FONE: _____

Você está sendo convidada (o) para participar de uma pesquisa que investiga: “A existência de impactos psicológicos resultantes do não reconhecimento do luto pela perda de um animal de estimação”.

Esta pesquisa oferece um espaço para você falar do processo de luto pela perda do animal de estimação e as consequências dessa perda. A entrevista terá duração de aproximadamente uma hora e será gravada.

Em virtude do caráter voluntário da pesquisa, solicitamos que, após ler com atenção este documento, e ser esclarecida e informada a respeito deste trabalho, caso concorde em participar dele, assine em todas as folhas deste documento, que contém duas vias. Uma dessas vias é sua e a outra será guardada por mim.

Não existe qualquer prejuízo ou risco para você nesta pesquisa. Se não quiser participar deste estudo, ou se desistir depois de termos iniciado nossa entrevista, não terá problema, assim como não haverá nenhum ônus de sua parte.

As informações fornecidas por você não estarão relacionadas com o seu nome. E, sendo assim, você não poderá ser identificada (o) por outras pessoas. Se os resultados dessa pesquisa forem publicados, bem como apresentados em eventos e atividades científicas, sempre garantiremos o sigilo do seu nome, e também asseguraremos a sua privacidade.

Se você concorda com estas condições, por favor, assine este termo de consentimento.

Eu, _____, RG n° _____
declaro que concordo em participar da presente pesquisa.

Canguçu, ___ de _____ de 2019.

DADOS DO PESQUISADOR

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Maria Teresa Duarte Nogueira

Acadêmico: Dioni Mateus Kammer Lapa

Formando do Curso de Psicologia pela UFPel – Universidade Federal de Pelotas

ANEXO B

Entrevista semiestruturada

1. Qual animal de estimação você perdeu?
2. Como foi lidar com a perda?
3. Quanto tempo faz que morreu seu animal de estimação?
4. O que aconteceu com seu animal?
5. Você teve espaço para expressar, falar e viver o luto pela morte de seu animal ou teve algum impedimento?
6. Recebeu algum apoio nesse período?
7. Com quem você falou sobre sua perda?
8. Sentiu receio ou vergonha de expressar ou falar abertamente sobre seus sentimentos em relação a perda do seu animal de estimação?
9. Em relação a perda do seu animal de estimação, o que você sente? Como ficou psicologicamente? Sentimentos, humor, etc.
10. Você sentiu algum sinal de humor depressivo? Como foi?
11. Você realizou algum ritual de despedida quando seu animal de estimação faleceu?
12. Quando seu animal de estimação faleceu, você suspendeu atividades como estudos, trabalhos, etc.?
13. O que esse animal de estimação representa para você?
14. Como era a convivência com seu animal de estimação?
15. Você teve outros animais de estimação depois da perda? Como foi?
16. Como você acha que a sociedade vê o luto pela morte do animal de estimação?